

DISPOSICIONALISMO VERSUS REPRESENTACIONALISMO: PARÂMETROS PARA UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE A DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE CRENÇA.

DALTRO LUCENA ULGUIM¹; JULIANO SANTOS DO CARMO²

Universidade Federal de Pelotas - E-mail: lucenaulguim@gmail.com¹

Universidade Federal de Pelotas - E-mail: juliano.ufpel@gmail.com²

INTRODUÇÃO

O conceito de crença é central para diversas áreas da Filosofia, como Filosofia da Mente, Neurofilosofia e Filosofia da Neurociência, além de ser relevante para as ciências em geral. Apesar disso, sua definição ainda é objeto de debate. Este projeto busca explorar as abordagens disposicionalista e representacionalista, propondo uma síntese que contribua para uma nova definição de crença, útil para investigações filosóficas e científicas. A crença, tradicionalmente considerada um conceito psicológico, é analisada aqui sob a perspectiva da Filosofia da Neurociência, que explora sua relação com os processos neurais. A pesquisa questiona se é possível estabelecer uma definição mais precisa e útil para o conceito de crença, considerando tanto verdades filosóficas quanto dados empíricos. Questiona-se, se o conceito de crença pode ser redefinido de forma a atender às necessidades filosóficas e científicas. A hipótese é que o confronto entre disposicionalismo e representacionalismo pode gerar uma síntese teórica que sirva como ferramenta útil para outras áreas.

Dois autores principais serão o carro chefe inicial desta pesquisa: Daniel Dennett (1995) e Ruth G. MILLIKAN (1984), embora não se pretenda ficar adstrito somente a eles, pois contamos com novas descobertas durante essa investigação. Dennett (1978) se utiliza de três métodos distintos para prever o comportamento humano: 1 – o primeiro, diz respeito à “**Postura Física**”; 2 – o segundo a “**postura de design**”; 3 – o terceiro, envolve a “**Postura Intencional**”, todavia aqui não se tem espaço para desenvolvê-las. Ruth Millikan (1984) e Papineau (1984) entendem que acreditar é “estar em um estado que preenche um papel causal particular”. Da mesma forma, isso só será desenvolvido durante a investigação. Mesmo que no projeto já se tenha muita coisa a respeito destes autores.

Nosso objetivo geral é propor uma definição de crença que seja uma ferramenta útil para outras áreas filosóficas e científicas, desta forma propomos como problema de pesquisa que a falta de uma definição clara e consistente do conceito de crença nas áreas da Filosofia da Mente e Neurociência é confusa e necessita ser esclarecida em termos científicos e filosóficos.

METODOLOGIA

Temos como objetivo geral nessa pesquisa confrontar disposicionalismo e representacionalismo para propor um novo conceito de crença. Por outro lado, nossos objetivos específicos serão analisar criticamente ambas as abordagens, identificando suas limitações e contribuições, propondo uma nova síntese teórica que integre todos os aspectos filosóficos e científicos.

A pesquisa será desenvolvida em duas fases. Na primeira fase realizar-se-á uma ampla e vigorosa Revisão Bibliográfica, conjuntamente com uma cuidadosa Análise Qualitativa. Pretende-se uma abordagem inicial da espécie Estado da Arte e posteriormente um aprofundamento nos estudo das principais obras e teorias a respeito do disposicionalismo e representacionalismo. A segunda fase terá um confronto filosófico, onde se aprofundará a análise das teses e antíteses das abordagens, buscando uma síntese que resulte em uma nova definição de crença.

Nas conclusões finais o pesquisador pretende-se explicar como o trabalho foi realizado, expondo os procedimentos que foram adotados para a realização da pesquisa e geração dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que apurou-se durante esta investigação é que: primeiro constou-se diversas espécies de crenças. Contudo mencionaremos as principais que de fato tem importância preliminar numa espécie de Estado da Arte do tema. O conceito de crença é multifacetado e pode ser classificado em diferentes categorias entre as quais destacou-se a seguintes: **Crença Ocorrente e Disposicional**: A crença ocorrente é ativada em momentos específicos, enquanto a disposicional permanece armazenada na memória e pode ser acessada quando necessário; **Crença Implícita e Explícita**: A crença implícita é derivada de algo já acreditado explicitamente, enquanto a explícita é representada diretamente; **Crença Inconsciente**: Relacionada à memória implícita, que influencia ações sem lembrança consciente; **Crença Interna e Externa**: Internalistas defendem que crenças dependem de processos internos, enquanto externalistas consideram o contexto externo; **Crença e Conhecimento**: Gettier (1963) e Braithwaite (1932) discutem a relação entre crença e conhecimento, destacando que nem toda crença verdadeira ou justificada pode ser considerada conhecimento; **Crença Representacional**: a maioria dos pensadores da filosofia da mente, da psicologia e de outras áreas da ciência vêem esta espécie como uma representação mental de mapas, imagens que representam o mundo.

Dentre estas espécies de crenças distinguimos duas que debatem e dominam a filosofia da mente, a filosofia semântica impondo-se predominante sobre as demais: disposicionalismo e representacionalismo.

DISPOSICIONALISMO

O disposicionalismo entende as crenças como disposições para agir de certa maneira em determinadas circunstâncias. Essa abordagem enfatiza que as crenças se manifestam por meio de ações e comportamentos observáveis. Defensores como Braithwaite (1932) e Marcus (1990) argumentam que crenças não são apenas representações mentais, mas estados que se traduzem em comportamento.

Por exemplo, uma pessoa que acredita que vai chover levará um guarda-chuva, desde que também acredite que o guarda-chuva a protegerá da chuva. No entanto, o disposicionalismo enfrenta críticas por sua dificuldade em lidar com variações individuais e estados mentais internos que não se manifestam externamente. Filósofos contemporâneos, como Schwitzgebel (2018), apontam que crenças podem influenciar comportamentos de formas mais complexas do que o disposicionalismo tradicional sugere.

REPRESENTACIONALISMO

O representacionalismo considera crenças como representações mentais internas que refletem o mundo. Defensores como Fodor (1988: 1992), Millikan (1984) e Dretske (1988) argumentam que crenças são formadas por processos cognitivos e armazenadas como "modelos" ou "mapas" do mundo real. Essas representações podem ser verdadeiras ou falsas e são acessadas para orientar ações e decisões.

Fodor (1992, por exemplo, defende que crenças são estados mentais que desempenham funções computacionais na mente. Já Dretske (1988) e Millikan (1984) destacam que crenças têm a função de rastrear características do mundo, permitindo que os indivíduos ajustem seu comportamento de acordo com as informações disponíveis. Apesar de sua ampla aceitação, o representacionalismo enfrenta debates sobre a natureza das representações e sua relação com outros estados mentais.

CONCLUSÕES

Concluiu-se até o presente que os disposicionalistas liberais podem ampliar o alcance das disposições que consideram relevantes para a existência de uma crença incluir uma ou algumas disposições que possam ser contidas em outros estados mentais privados que não se manifestam claramente num comportamento externo observável. Outros filósofos defendem o fisicalismo e o materialismo e abordarão a crença de outro prisma que só aceita a visão que tudo no mundo, inclusive o fenômeno mental é totalmente físico ou material e não estão satisfeitos com o disposicionalismo liberal. Todavia, isso não esgota essa pesquisa que tem muito para ser investigado.

Quanto ao representacionalismo, esta abordagem defende a tese que ter uma crença é estar em uma relação particular com uma representação mental. A

representação mental está pronta para executar certas funções, de regra tipicamente computacional, dentro da mente que frequentemente têm apenas conexões remotas com estímulos, comportamentos e fenomenologia.

Atualmente ocorre um embate intelectual nas diversas áreas da Filosofia da Mente, da Filosofia da Neurociência e na Neurofilosofia, que tratam sobre as abordagens das crenças, essas duas principais forças teóricas da filosofia: disposicionalismo e representacionalismo se confrontam. Acredita-se que têm-se muito a descobrir a respeito de um conceito de crença que atualmente é utilizado sem nenhum critério filosófico e com muito menos critério ainda impera a confusão do conceito na área científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAITHWAITE, R. B. **A natureza da crença**. Proceedings of the Aristotelian Society, 1932. 33: 129–146.

DENNETT, D. C. **Consciousness Explained**: Ignoring Ryle. and Co. Canadian Journal of Philosophy by Review by: Sonia Sedivy Canadian Journal of Philosophy, Vol. 25, No. 3 (Sep., **1995**), pp. 455-483 Published by: Acessado em 17/06/2014 17:34. <http://www.jstor.org/stable/40231921>

DENNETT, D. C. **Why You Can't Make a Computer That Feels Pain**. Synthese, Vol. 38, No. 3, Automaton-Theoretical Foundations of Psychology and Biology, Part I (**Jul., 1978**), pp. 415-456 Published by: Acessado: 13/12/2014 06:51. SpringerStable URL: <http://www.jstor.org/stable/20115302> DO CARMO, J. **Some Remarks on Beliefs and Normativity**. (Algumas observações sobre crenças e normatividade). Universidade Federal de Pelotas – UFPel, RS. L'Ircocervo, 21 (2022) n. 2 ISSN 1722-392X.

DRETSKE, FRED. **Explaining Behavior**, Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

FODOR, J. A. **A Theory of Content and Others Essays**. Institute of Technology. Massachusetts, EUA: MIT Press, 1992.

FODOR, J. A.; PYLYSHYN, Z. W. **Connectionism and cognitive architecture**: A critical analysis. Cognition, p. 3–71, 1988.

GETTIER, Edmund L. Is Justified True Belief Knowledge? **Analysis**, Oxford, v. 23, n. 6, p. 121-123, jun. 1963.

MARCUS, R. B. **Some revisionary proposals about belief and believing**. Philosophy and Phenomenological Research, p. 132–153, 1990.

MILLIKAN, R. G. **Language, thought, and other biological categories**. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.

PAPINEAU, Manoir Louis-Joseph. **Concepts d'interprétation**. [S. l.]: Parcs Canada, 1984. 89 f.

SCHWITZGEBEL, Eric. **A Phenomenal, Dispositional Account of Belief**. University of California, Riverside. California, EUA: NOÛS, 2002 – 2018.